

UM MÉDICO RUSSO  
A RUSSIAN DOCTOR

Nelson Fonseca Neto\*

Há, no campo da literatura, uma aura de solenidade sempre que se fala em autores russos. Ouso dizer que a literatura russa é terreno fértil para aqueles que se deliciam com exibições de erudição. Nada mais imponente que lançar, numa festa, o nome de Dostoiévski ou Tolstói. Esses nomes exóticos parecem abrir caminho para um mundo de sofisticação e alta intelectualidade. Curiosamente, muitos dos que se valem dos russos não leram uma linha sequer de suas obras. Acredito que esse comportamento estranho esteja ancorado na crença de que Dostoiévski, Tolstói, Tchekhov ou Gógol sejam ilegíveis. No que diz respeito aos dois primeiros, um fator a ser levado em conta é a extensão de alguns de seus romances. Romances enormes são, para muita gente, o emblema da literatura de alto nível. Nesse aspecto, há a mescla de respeito pomposo com temor injustificado. “Ah, deve ser um baita romance, mas deve ser difícil de ler; um dia, quem sabe, terei a oportunidade de lê-lo”. Com isso, temos a curiosa percepção de que literatura é sinônimo de dificuldade. Acredito que as coisas não funcionem dessa maneira. Para ilustrar essa minha opinião, pretendo trabalhar com alguns aspectos da vida e obra do russo Anton Tchekhov, médico exemplar e escritor notável.

A apreciação da obra de Tchekhov costuma ser eclipsada pelo gigantismo de Tolstói e Dostoiévski. Não quero cair na armadilha de estabelecer um ranqueamento entre os três autores. Delimitar o terreno de atuação dos escritores é crucial para não cairmos nesse tipo de cilada. Tolstói e Dostoiévski são, basicamente, romancistas; Tchekhov, contista e dramaturgo. São aptidões diferentes. George Steiner, excepcional crítico literário, coloca, de forma acertada, que o melhor do romance europeu do século XIX está nos romances de Dostoiévski e Tolstói (encontramos os detalhes dessa afirmação no magistral ensaio “Tolstói ou Dostoiévski?”, publicado pela editora Perspectiva). Com isso, julgo necessário tocarmos, ainda que superficialmente, na questão do gênero literário. E entender essa questão passa, necessariamente, pelo conhecimento das características fundamentais dos gêneros em discussão; neste caso, das características do romance e do conto. Erra terrivelmente quem acredita que a resposta está simplesmente no critério da extensão. O conto não é romance abreviado; o romance não é conto dilatado. Ser contista ou romancista é algo ligado a aspectos existenciais profundos e complexos. Trata-se da visão de mundo de cada autor. O conto tende a trabalhar com uma temporalidade condensada. A tradição da narrativa breve sustenta-se no “instante decisivo”. Encontramos, nessa modalidade, situações em que vidas são decididas em segundos. Não é à toa que o conto é devedor da tradição dramática. São exemplares dessa linhagem autores como Jorge Luís Borges, Edgar Allan Poe, Maupassant, Katherine Mansfield e Tchekhov. O romance, por sua vez, tende a trabalhar com uma temporalidade mais cadenciada. O romancista tem maior margem de manobra para dilatar o arco do tempo. O que passa a contar não é tanto o “instante decisivo”, mas o trabalho incessante dos dias. Acompanhamos, nos melhores romances, o desgaste mais lento a que todas as personagens são submetidas. O romance deve muito ao épico. “A educação sentimental”, de Gustave Flaubert, é a manifestação mais emblemática dessa tradição romanescas.

Gostaria de deixar claro que acabei de apenas esboçar linhas gerais sobre as diferenças entre conto e romance. Há matizes e exceções à regra. Para ficarmos em um exemplo, menciono Dostoiévski, que se fez romancista dramático. Em seu terrível “O idiota”, temos a primeira parte, algo em torno de 300 páginas, correndo ao longo de apenas 24 horas. Ora, isso é tempo condensado; e se é tempo condensado, entramos no terreno do dramático.

Dei essa volta toda para tentar situar adequadamente o contista Anton Tchekhov. Quando reconhecemos as fundamentais diferenças entre romance e conto, evitamos a bobagem de afirmar que um gênero é mais nobre que o outro. Grandes romancistas e grandes contistas são simplesmente grandes escritores. E é por acreditar nisso que afirmo que Tchekhov merece figurar entre os grandes escritores de todas as épocas.

Afirmar que a obra revela muito do seu autor é algo bastante óbvio (e nem por isso menos verdadeiro; o problema surge quando tentamos, de modo maníaco, encontrar em cada linha uma revelação cifrada de fatos pitorescos – ou picantes – da vida do autor; esse tipo de abordagem transforma o texto literário em revista de fofoca criptografada). Na apreciação dos contos de Tchekhov, porém, essa verdade é muito mais poderosa. Ler seus contos significa tomar contato (não com o elemento abertamente autobiográfico, factual, mas com o motor de seus atos e sentimentos mais profundos) com o homem Tchekhov, uma das pessoas mais singelas de que se tem notícia. Não azucrinarei o leitor com muitos detalhes e números. Para os objetivos deste artigo, basta saber que: Tchekhov nasceu, em 1860, nos cafundós russos (Taganrog); sua família era pobre; estudou medicina; começou a escrever contos precocemente; tornou-se uma celebridade literária; nunca deixou de exercer a medicina; quando melhorou de condição financeira (por conta da literatura, já que, muitas vezes, exerceu a medicina sem cobrar honorários), foi arrimo de família (e eram vários familiares); tuberculoso, trabalhou incansavelmente (na literatura e na medicina); fez questão de conhecer a fundo a ilha de Sacalina (ambiente prisional russo dos mais tétricos), sobre a qual escreveu um minucioso relato denunciando o que se fazia com os criminosos russos; escreveu peças de teatro que marcaram sua época (serviram de base para as teorias dramáticas de Stanislávski) e que continuam até hoje a desafiar qualquer um que se interesse por teatro; morreu em 1904, aos 44 anos.

Julgo fundamental analisarmos sua formação de médico. Sei que dou um passo interpretativo ousado ao vincular sua experiência na medicina com seus contos. Ninguém melhor que o próprio Tchekhov para esclarecer o vínculo entre medicina e literatura: “(...) Você me aconselha a não correr atrás de duas lebres e a não pensar na profissão de médico. Eu não sei por que não se deve perseguir duas lebres, mesmo no sentido literal dessas palavras. Seria apenas necessário ter galgos para

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 13, n. 2, p. 31 - 32, 2011

\* Membro da Academia Sorocabana de Letras, professor de língua portuguesa, editor literário e proprietário da livraria Luz Impressa, Sorocaba/SP.

Recebido em 23/11/2010. Aceito em para publicação em 29/11/2010.  
Contato: luzimpressa@hotmail.com

persegui-las. É muito provável que eu não tenha galgos (agora no sentido figurado), porém sinto-me mais disposto e mais satisfeito comigo quando me dou conta de que tenho duas ocupações e não uma. A medicina é minha esposa legítima, e a literatura é a minha amante. Quando uma me cansa, passo a noite com a outra. Embora isso seja confuso, em compensação, não é tão enfadonho, e, além do mais, nenhuma delas perde absolutamente nada com a minha traição. Se eu não tivesse a medicina, seria pouco provável que entregasse à literatura o meu lazer e os meus pensamentos supérfluos. (...)” (carta de Tchekhov ao editor russo Suvórin; trecho extraído da antologia de cartas “A.P.Tchekhov: cartas para um poética”, organizada pela professora Sophia Angelides e publicada pela Edusp). Dou um passo a mais e afirmo que a medicina não foi apenas o outro prato da balança tchekhoviana; foi, na verdade, a ocupação que serviu de base para uma poética que se fez dura (realista) e compassiva (afetuosa) ao mesmo tempo. Tchekhov foi o médico de suas personagens.

Convém dizer que Tchekhov escreveu quase 400 contos. Óbvio que nessa produção enorme há altos e baixos. Se bem que os “baixos” tchekhovianos bastariam para fazê-lo um

dos mestres do conto. Talvez seja mais adequado colocarmos sua produção em termos de um amadurecimento implacável. Os primeiros contos, mais ligeiros, ancorados no humor, já trazem de contrabando traços do realismo compassivo que fará a grandeza do contista e do homem Tchekhov. Em sua fase madura - e Tchekhov amadureceu rapidamente - encontramos a vida mais áspera (“A enfermaria número 6”). Aparecem os crimes tenebrosos (“O assassinato”). Suas personagens definham, moral e fisicamente, de um jeito horripilante (“Iônitch”). Não encontramos em seu estilo a adesão melosa aos infelizes. Tudo é dito da maneira mais seca e elementar. Mas essa poética dura está longe de ser indiferença. Acredito que seja justamente o inverso. Com o amadurecimento, Tchekhov não abre mão da verdade. E a verdade que está diante de seus olhos é a verdade de homens e mulheres marcados pela brutalidade, pela ingenuidade, pela miséria, pela ignorância e pelos instantes de redenção.

Ao não escamotear a verdade e ao não perder a empatia com suas personagens, Tchekhov, em seus contos, instaura o ideal médico. Ele foi médico na vida real e médico na ficção.



**SUMEP**  
SOCIEDADE UNIVERSITÁRIA MÉDICA DE ESTÍMULO À PESQUISA

*Cursos, Congressos, conferências e pesquisas*  
*25 Anos promovendo a cultura do estudante de medicina.*  
*Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba.*

*Presidente: Bianca Cristina Cassão*  
*Vice-presidente: Fabiana Garcia Faustino*  
*Diretores de curso: Anderson Kuboniwa e Rafael Birelo Martins*  
*Secretária: Nathalia Frare*  
*Diretores-científico: Rafael Nakamura e Fernanda Fulanetti*